



# VIOLETA



N.º 8.



*Dames et Fleurs.*



SETEMBRO 24.

Depois de estarmos mais sem esperanças, e quasi totalmente desacorçoados de publicar nas columnas da nossa VIOLETA alguma producção litteraria, emanada da penna de alguma das nossas amaveis Leitoras, elaboradas em alguma hora das suas meditações — concebida n'esses devaneios enlevadores do coração; — uma nossa Patricia quiz desmentir os nossos receios — e honrou-nos com o rico e sublime escripto, que abaixo publicamos — e offerecemos a attenção pública. —

E' elle uma poesia toda d'alma e coração — é a copia dos sentimentos intimos trasladados para a escripta — é a voz profunda do coração a imprimir-se sobre o papel. —

A pequenez do nosso jornalsinho não nos deixa tecer os devidos encomios ao escripto da nossa Patricia — porém nós lh'o agradecemos — e d'aqui mesmo lhe damos os nossos sincéros emboras pela sublimidade e poesia da

## POEMETA.

**Conversa entre uma Filha da Cidade de S. Paulo, e outra da Cidade de Santos.**

AS DUAS AMIGAS.

*Santista.* — Toda eu sou attenção — podeis dar ja começo á enunciação das vossas idéas e rasões, que quero ver-me derrotada por vós — quero ver os meus argumentos, que a pouco apresentei-vos, desfeitos, como a neblina pelo sol —

*Paulista.* — Estou certa, que o amor que dedicas á terra, em que nascestes, vos não cega a ponto de negardes a verdade das coisas — estou intimamente persuadida, que convireis comigo, e com a oppinião de todos, que o clima de sobre a Serra, que é o nosso de S. Paulo, é incomparavelmente melhor e superior, que essas exalações, e esses miasmas, que em Santos se chama

producção. — e lhe pedimos, que queira continuar a mimosear-nos com seus poeticos escriptos, a fim de com elles mais perfumada e embalsamada se tornar a VIOLETA. —

Muito sentimos não poder declarar o nome da Auctora dos — MEUS PENSAMENTOS — que por modestia cobre-os sob capa de anonyma. —

\*\*\*\*\*

### Meus Pensamentos.

Do meu passado o recordar me é grato!  
O meu presente só tristeza excita!  
Que medonho se me antolha, o meu futuro!  
Meu futuro! oh! Céos! — talvez de rosas  
Mimosa aurora disponente-me fagueira!  
Talvez... mas não de certo... antes mais facil  
Cruéis... agros tormentos  
No meu viver de amor me mande a sorte! —  
O rubim de minha rosa de ventura  
Desbotou-se com o níveo de meu pranto —  
A lava do volcão, que me devora  
Tiranna lhe crestou os debeis pétalos,

clima — estou d'isso certa e convencida, por que vos considero, como uma menina sensata e rasoavel; e nem apaixonada que estivésseis, desconheceriaes a verdade —

Que a atmosphera de S. Paulo é mais pura... benefica e saudavel, que a de Santos, fostes vós mesma, que o confessastes — sómente a rasão que apresentastes, para preferir a cidade das vossas affeições á esta, em que morais actualmente, foi por que lá se vos offerecia mais vantagens, para com mais facilidade, e em poucos instantes se exprimentarem e gosarem diversas temperaturas atmosphericas — não nego isso — porém esse não foi o ponto da these, que tomastes para defender —

Minha Amiguinha, para vos convencer da melhora do nosso clima sobre o vosso, não me mettendo em considerações geographicas... astronomicas... medicas... philosophicas, ou



E em negra tornou a côr do nácar --  
 Em tempos venturosos... já passados  
 Quantas libações de nectar puro  
 Adoçáram meus labios sequiosos  
 Com o goso da ventura a mais perfeita !!  
 Ignara de amor feliz vivia --  
 Um dia -- triste foi -- mas de praseres  
 Singelos e innocentes tinha o cunho,  
 Eu o vi... e desde então débil plantinha,  
 Austrino enganador soprou-me n'haste --  
 Meiga aurora sandou minha existencia,  
 E orvalho matinal deo-me alimento --  
 Mas o zefiro... a aurora... o mesmo orvalho  
 Emanavão crueis de falsa fonte --  
 E em vez de alimentar me deu a morte --  
 E morte mais cruel, que o desligar-se  
 Da fragil materia a triste vida --  
 Foi morrer de illusão... morrer de amores  
 Mais triste, que o realisar do passamento --  
 Era o meu passado, azul do Céu  
 De scintillantes estrellas semeado,  
 Quando inteira no auge do seu brilho  
 A este mundo de illusões derrama a Lua  
 Seu melancolico brilhar d'encantos magicos,  
 Q' a attenção dos mortaes preoccupa e encanta --  
 Era o terno vibrar de acorde lira  
 Offerecendo seus sons á Ignez de Byron,  
 Ou aos encantos gentís de Zulieca,  
 Quando esse cantor lhe fere as cordas --  
 Era o bello ideal de ardente Bardo  
 Quando a chama das paixões lhe escalda o peito  
 Ou n'elle só d'amor tem um Vesuvio --

~~~~~  
 como quer que seja, que as não saberei desenvolver, basta unicamente lembrar-vos, que as pessoas molestas vem para aqui respirar o nosso clima, afim de se restabelecerem : -- e com voseo succedeo o mesmo --

Se o clima sob cuja influencia viveis, é preferivel, e mais saudavel, que o em que na actualidade viveis, por que para aqui viestes, e deixastes a cidade das vossas predilecções ?

*Santista.* -- Acho-vos, minha Amiga, muito viva e fina nas vossas argumentações -- penso, que a pesar de deffender eu a verdade das coisas, por fim me levareis de vencedora na questão, que ventilei, á avaliar pelo principio --

O viver a gente com pessoas illustradas, e dadas, ao estudo das lettras, ganha-se muito -- Nada ha mais util e proficuo para a cultura da intelligencia, que a frequen-

Era a terna avesinha descuidosa  
 Sem ter outro amor mais, que seus gemidos,  
 E o copado arbustinho onde descanta  
 Doces canções de magica harmonia --  
 Era... ainda mais... o doce espreguiçar-se  
 Da fontinha casando as brandas gotas  
 Com o puro... transparente e alvo seixinho --  
 Era a rosa em botão tão nova ainda,  
 Que o verde froco, que lhe esconde a face  
 Cioso do carnim, em meio a mostra --  
 Não bastou a verdura da existencia  
 Para tiranno me crestar euro maligno !!  
 Euro ! não foi... bafejo foi de amores  
 Que me veio secar e murchar n'haste,  
 Tendo apenas meu ser mostrado á Flora,  
 Que transparentes tornou os verdes frocos  
 Para inteiros mostrar meus attrativos --  
 Acabou-se a illusão !... a tenra planta  
 Com o bafejar de amor definha e morre --  
 A aurora... o orvalho... e mesmo o brando zefiro  
 Tudo era obra do amor... e meus olgoses --  
 Amor... eis o monstro sanguinario  
 Que acerba ternou minha existencia !  
 Foi grinalda de flores meu passado --  
 De martirio capella é meu presente --  
 Meu futuro... s'amor ainda existir

Medonho me será --

Serei ditosa se olvido dos tempos

Nem sombras me deixar de amor no peito.

*Uma Paulista.*



~~~~~  
 cia e contacto de pessoas de saber --

*Paulista.* -- Isso em vós é demasiada bondade -- se acaso me sahi de melhor n'esta parte da nossa argumentação, é por estar a rasão e a verdade das cousas toda á meu favor.

Continuemos, que vos quero mostrar e manifestar a precipitação do vosso juizo á respeito das bellesas, encantos, sublimidades e poesias do meu pittoresco S. Paulo.

*Santista.* -- Pois bem : -- não replico, que o vosso clima seja menos saturado de particulas mephiticas, que o meu de Santos, uma vez que concordeis, como ha pouco dissestes, que nós lá estamos em melhor circumstancia e posição, afim de com mais facilidade e commodo, gosarmos de differentes mudanças d'elle, quando precisarmos, e quizermos --

Como consequencia da puresa atmospherica da minha cidadezinha, a cupula do nos.



## Um recordar de minha terra.

Che le lagrime mie si spargan sole.

PETRARCA.

Mulher, és typo ideal, vaporoso, e fictício; assemelhas-te por ventura ao sonho infantil, que vai rapido adejando á immensidade, depois de ter quebrado um goso, que enlevou o pensamento e prendeo o coração? E's acaso uma illusão, um fantasma que sorrio-se para mim, que affagou-me com seus carinhos, e arrojou-me no valle da tristura tão só, tão ermo, repleto de agonias? Ah! dize-me, rompe o véo que te esconde á meus olhos. E's tu uma fôrma de Cedar, que desceo ao prado das lagrimas para padecer tormentos, dores e máos tratos; és anjo ou cherubim que baixou do Céu para peregrinar pelo mundo, ou és a irmã de minha infancia, que eu amava, queria, e á quem dizia meus amores, meus pesares, e sagrava um coração que só sentia a intensidade do holocausto que lhe votava bem do íntimo d'alma? Mulher, és muda, não tens uma palavra suave ou satânica, amorosa ou de ódio, que venha desligar a cadêa

so Céu é mais agradavel... diáfana... e encantadora, que a d'aqui, que continuamente está carregada de vapôres e de fumos—

O Céu de S. Paulo não é como o Céu de Santos—Aqui elle está de continuo acisentado e melancolico, e como acobertado de camadas de neblina, que o encobrem á nossos olhos, como d'elle ciosas:—o nosso pelo contrario as vezes se veste de um azul tão bello e puro, que se assemelha á pupilla de uma linda creancinha:—outras vezes se traça de um manto de diversas cores, que só vel-o, se nos prendem por muitas horas os olhos... a attenção e a alma—

Quando o sol apparece nas abas do horizonte com o seu manto de purpura, tudo lá parece, que se alegra—tudo denuncia vida e contentamento: e percorre o sol seu giro diario acompanhado de uma claridade,

do meu phantasiar?...

Não sonho eu essas tranças de ébano, que cahem por um collo de jambo—formosas, ondulantes ao bafejar dos zefiros da manhã: não imagino essas pupillas negras á volve-rem-se em um circulo de jaspe—niveo como a aza do cysne, assetinado como a pétala do lirio? Mulher, és alguma estatua do cinzel de Canova sem vida, sem movimento e sem amores, que não sente o arfár de um peito que é seu, que não ouve uma voz que é sua, que não sabe que os dias, os annos, a vida correm para ella? Ah! dize, dize que minha alma vaga illudida na região dos sonhos: e ella nada disse, meu Deos!

Eu contemplei-a absorto, enlevado n'um delirio vago e indefinido, e pensei ouvil-a conversar com os anjos, e a lhes contar mysterios. Uma vez inda fitei-lhe meus olhos a ver, se lhe sondava o seio, e lhe comprehendia os affectos. Ah! ella descrevia dos homens, por que erradamente julgou que a unidade simbolisava o todo, e os homens lhe parecêrão esses anjos máos, que descrevêra o Cantor do Paraizo perdido, sempre com o riso nos labios e o fel no coração. Eu lhe revelei o que pensava de seu

candidez, e brilho sem par—

E como é encantadora uma noite de luar passada n, aquella terra tão bella?—

Ver o Céu todo recamado de estrellinhas, que parecem diamantes engastados na abobada celeste.—e a lua como rainha, com seu manto imperial e seu diadema de Senhora cercada de suas aias, a percorrer o espaço com magestade e socego? Oh! minha Amiguinha, nada é mais divino e arrebatador na terra, que o luar da cidade, onde nasci?—

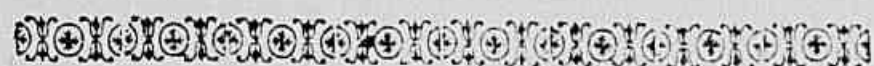
E aqui nada d'isso tendes—A aurora sempre encontra a vossa cidade a braços com as suas neblinas cerradas—a custo o sol purifica a atmospherá, e desfaz os nevoeiros—e a custo elle se mostra em todo o seu esplendor—

Os dias passam-se aqui em taciturnidade e tristeza, sem um gorgejar de avesinhas, que amenisam as nossas mágoas, e alegçam



silencio. Ella sorrio-se, e eu vi o bello marfim de seus dentes a occultar-se alem do nacar de uns labios graciosos e angelicos. Era uma mimosa houri a respirar o perfume de flores embalsamadas no jardim do propheta da Arabia: era uma fada do poeta da Persia, formosa, arrebatadora, mysteriosa e cheia de poesia: era grave, singela e casta como uma virgem christã a supplicar no templo de Deos, e a murmurar uma oração santa, profunda e melancolica por sua mae, que se finára: era inspiradora, devotada e sublime como a indiana á estancar com seus negros cabellos o sangue de seu amante, que apenas lhe dizia na solidão dos bosques — Attala — com essa concisão da palavra biblica, expressiva no revelar do pensamento.

P. A. F.



### A innocencia do beijar.

(Offerecido a F. M. V. V.)

Desiste, Analia divina  
D'esse teu casto pudor.  
Não beija' avesinha a flôr ?

os dias -- e sem uma mudança de variedades, que encanta os nossos corações --

As noites são tambem aqui sombrias e feias -- a essas horas tudo é silencio, e solidão -- os luares são baços, sem fulgôr -- O Céu opáco e cinzento -- baixo e escuro --

Não acho graça, nem encantos, nem nos arreboés da aurora, e nem nos occasos dos dias em S. Paulo --

Nada ha na terra mais divino e encantador para mim, que uma noite de luar passada na minha linda cidade de Santos -- quem me déra ja poder para lá voltar -- e gosar das suas bellas e attrativos --

*Paulista.* -- Quando tomamos amor por uma cousa, e nos acostumamos vel-a pelo prisma dos nossos affectos, nada nos agrada, senão ella -- n'esse caso estais vós com o vosso Santos --

Se esse amor, que dedicais á cidade, on-

Não beija a Aurora a bonina ?  
Quando o Sol meigo s'inclina,  
Não beija as ondas tambem ?  
Se o amante em beijar tem  
O prazer mais innocente,  
Querida Analia consente :  
Deixa beijar-te, meu Bem.

O.



### CHARADA.

No Céu, no Pego, no Inferno,  
Firme estou, mas derradeiro: [1]  
Attestando a Divindade,  
Sou aos nautas traçoeiro. [1]

### Conceito.

Sustentac'lo do Islamismo,  
O Egypto conquistei :  
Nova era musulmana  
Qual Khalifa ao povo dei.



### DECIFRAÇÃO DA CHARADA DO N. ANTECEDENTE.

### Guilhermina.

de vistes a luz do dia, fosse dedicado á S. Paulo, então S. Paulo seria a cidade das bellas e maravilhas -- a terra dos encantos e das grandesas -- o paiz das magestades e da liberdade -- então S. Paulo seria differentemente visto e elogiado -- porem elle tambem tem sua defensora -- e ja que sufficientemente elogiastes, e manifestastes os enlevos e sublimidades da vossa cidade, por minha vez tambem deixai-me patentear-vos os encantos e maravilhas da minha --

Eu seguir-vos-hei no plano de encomios, que adoptastes para elogiardes a vossa cidade. --

*Santista.* -- Ouvir-vos-hei com todo o gosto -- Ainda d'esta vez convencer-me-heis do contrario, do que penso ? *Continua.*

F. V.